

# *O ESPÍRITO SANTO E A PALAVRA*



**RANIERO CANTALAMESSA**

*Editado por*



**Pe. RANIERO CANTALAMESSA**

**O ESPÍRITO SANTO E A PALAVRA**

Texto traduzido por IA (ChatGPT)  
do original italiano

Capa: [ideeanunciai.wordpress.com](http://ideeanunciai.wordpress.com)

# O ESPÍRITO SANTO E A PALAVRA

## I. A inspiração divina

Na segunda carta a Timóteo encontra-se a célebre afirmação: “*Toda a Escritura é inspirada por Deus*” (2 Tim. 3,16).

A expressão que é traduzida por «inspirada por Deus», na língua original, é uma única palavra, que tem dois significados fundamentais: um muito conhecido e outro, pelo contrário, habitualmente descurado, embora não menos importante do que o primeiro.

### 1) A Escritura é «inspirada por Deus»

Começemos pelo significado mais conhecido: a Escritura é «inspirada por Deus». Outra passagem do Novo Testamento explica assim este significado: «*Movidos pelo Espírito Santo, falaram alguns homens (os profetas) da parte de Deus*» (2 Pe 1,21).

É a doutrina clássica da inspiração divina da Escritura, aquela que proclamamos no Credo, quando dizemos que o Espírito Santo é Aquele «que falou por meio dos profetas». Como na Encarnação o Espírito vem sobre Maria para que a Palavra se faça carne no seu seio, assim, de modo análogo (não idêntico), o Espírito opera no escritor sagrado para que ele acolha a Palavra de Deus e a «encarne» numa linguagem humana. Deus — diziam os Padres — é como o músico que, ao tocá-las, faz vibrar as cordas da lira; o som é totalmente obra do músico, mas não existiria sem as cordas da lira. No caso da Escritura, o mistério consiste no facto de que Deus move não por cordas inertes e inanimadas, mas cordas livres (a vontade, a inteligência), capazes de se moverem por si mesmas. Só Ele pode mover à sua vontade tais cordas, mantendo intacta a sua liberdade e, aliás, agindo precisamente através dela.

### 2) A Escritura é «expirante de Deus»

Vejamos agora o segundo significado a que acima aludíamos. A Escritura, dizia Santo Ambrósio, não só é «inspirada por Deus», mas também «expira Deus», porque respira Deus. Depois de ter dado a Escritura, o Espírito Santo como que se encerrou nela, habita-a e anima-a sem cessar com o seu sopro divino. A *Dei Verbum* sintetiza tudo isto quando diz que «as Sagradas Escrituras, inspiradas por Deus e exaradas por escrito de uma vez para sempre, comunicam imutavelmente a palavra do próprio Deus e fazem ressoar, nas palavras dos profetas e dos apóstolos, a voz do Espírito Santo» (*Dei Verbum*, 21).

Mais uma vez, devemos constatar o maravilhoso parentesco entre o mistério da Eucaristia e o da Palavra de Deus. Na Missa, primeiro, através da epiclese e da consagração, o Espírito Santo dá-nos a Eucaristia e, depois, na comunhão, a Eucaristia dá-nos o Espírito Santo.

No princípio e uma vez por todas, o Espírito Santo inspirou a Escritura e agora, cada vez que a abrimos, a Escritura respira o Espírito Santo!

Um homem tinha chegado ao último estágio do alcoolismo; já não resistia mais de algumas horas sem beber; onde quer que estivesse, em viagem, no comboio ou no trabalho, o primeiro pensamento era como conseguir vinho. A esposa tinha chegado ao limite do desespero e não via outra saída para si e para os seus três filhos, senão a morte...

Alguém o convidou para alguns encontros onde se lia a Bíblia. Houve uma palavra, em particular, que, ouvida por acaso, o tocou profundamente e, durante longos anos, foi como uma corda que o puxou para fora do abismo. Cada vez que a relia era como uma nova onda de calor e de força, até que ficou completamente curado.

Quando revelou qual era essa palavra, a voz embargou-se-lhe e não conseguiu, pela comoção, chegar ao fim da frase. Era o versículo do Cântico dos Cânticos que diz: «Recordaremos as tuas ternuras mais do que o vinho».

Ter-lhe-ia sido fácil a qualquer «conhecedor» do Cântico demonstrar-lhe que aquele versículo nada tinha a ver com a sua situação e que se tinha enganado, mas aquele homem continuava a repetir: «Eu estava morto e

agora vivo. Aquela palavra devolveu-me a vida!». Como o cego de nascença que, a quem o interrogava, respondia: como isso aconteceu, não sei; sei apenas que antes não via e agora vejo.

E esta é apenas uma das infinitas testemunhas possíveis de como o Espírito continua ainda hoje a soprar a partir das páginas da Escritura.

### 3) A inesgotável riqueza da Palavra

O mistério da divina inspiração bíblica fundamenta não só a ausência de erro por parte da Palavra de Deus, mas também a sua inesgotabilidade, a sua força e vitalidade divina, aquilo a que Agostinho chamava a profundidade maravilhosa. S. Efrém, o Sírio, compara a Palavra de Deus a uma fonte que jorra sempre água; cada um vai a essa fonte, tira um pouco de água, quanto basta para a sua sede, e afasta-se. Mas a fonte continua a jorrar perenemente, e é muito mais aquilo que fica do que aquilo que cada um consegue levar consigo.

O Senhor escondeu na sua Palavra todos os tesouros, para que cada um de nós encontre uma riqueza naquilo que contempla... «Aquele a quem foi concedido alcançar uma parte destas riquezas não pense que não existe mais nada na Palavra de Deus além daquilo que ele encontrou. Dê-se antes conta de que não foi capaz de descobrir senão uma só coisa entre muitas outras. Depois de se ter enriquecido com a Palavra, não pense que ela ficou empobrecida por causa disso; incapaz de esgotar a sua riqueza, dê graças pela sua imensidão. Alegra-te porque foste saciado, mas não te entristeças pelo facto da riqueza da Palavra te ultrapassar» (Santo Efrém).

Nesta imagem está descrita a nossa situação. Devemos entrar no estado de espírito do sedento que vai à fonte, bebe aquilo que, naquele momento, brota da fonte e vai-se embora feliz, sabendo que poderá sempre voltar e encontrará sempre mais água para a sua sede.

## **II. O Espírito Santo, alma da evangelização**

Mas o Espírito Santo não esgota nesta dupla ação a sua relação com a Palavra de Deus; não só, de facto, a «inspirou» e continua a «soprar»

através dela, como também «vivifica» o anúncio da Palavra.

### 1) O Espírito Santo dá força à Palavra e àquele que a anuncia

Se eu quero difundir uma notícia, o primeiro problema que se me coloca é: por que meio transmiti-la? Pela imprensa? Pela rádio? Pela televisão? Pela internet? Ora, qual é o meio primordial e natural com que se transmite a palavra? É o sopro, o fôlego, a voz. Ele toma, por assim dizer, a palavra que se formou no segredo da minha mente e leva-a até quem escuta. Todos os outros meios não fazem senão potenciar e amplificar este primeiro meio do sopro ou da voz.

Também a Palavra de Deus segue esta lei. Ela transmite-se por meio de um sopro, de um fôlego. E qual é o sopro de Deus, segundo a Bíblia? Sabemo-lo: é o Espírito Santo! Pode o fôlego de uma pessoa animar a palavra de outra? Não, a palavra só pode ser pronunciada com o fôlego da própria pessoa. Assim, de modo análogo, entende-se que a Palavra de Deus só pode ser animada pelo sopro de Deus, que é o Espírito Santo.

Esta é uma verdade simplicíssima e quase óbvia, mas de imenso alcance. É a lei fundamental de cada anúncio e de toda a evangelização. As notícias humanas transmitem-se ou de viva voz, ou pela rádio, por cabo, por satélite, etc.; a notícia divina, enquanto divina, transmite-se por meio do Espírito Santo. O Espírito Santo é o verdadeiro e essencial meio de comunicação, sem o qual, da mensagem, não se percebe senão o revestimento humano. As palavras de Deus são «Espírito e vida» (*Cfr. Jo 6,63*) e, por isso, não podem ser transmitidas nem acolhidas senão «no Espírito».

Esta lei fundamental é também aquela que vemos em ação, concretamente, na história da salvação. Jesus começou a pregar «com a força do Espírito Santo» (*Lc 4,14ss.*)

Ele próprio declarou: «O Espírito do Senhor está sobre mim... ungiu-me para levar aos pobres uma boa nova» (*Lc 4,18*).

Depois da Páscoa, os Apóstolos foram exortados por Jesus a não se afastarem de Jerusalém enquanto não fossem revestidos da força do alto:

«Recebereis a força do Espírito Santo que descera sobre vós e sereis minhas testemunhas» (At 1,8). Todo o relato do Pentecostes serve para pôr em evidência esta verdade. Vem o Espírito Santo e eis que Pedro e os outros Apóstolos, em voz alta, começam a falar de Cristo crucificado e ressuscitado, e a sua palavra tem uma tal força que três mil pessoas se sentem traspassadas no coração. O Espírito Santo, vindo sobre os Apóstolos, transforma-se neles num impulso irresistível para evangelizar. São Paulo chega a afirmar que, sem o Espírito Santo, é impossível até proclamar que Jesus é o Senhor, o que constitui a forma mais elementar e o próprio início de todo o anúncio cristão. Sem o Espírito Santo — diz Santo Agostinho — grita em vão «Abbá» quem quer que o grite e, sem o Espírito Santo, grita em vão: «Jesus é o Senhor!» quem quer que o grite. São Pedro define os Apóstolos como «aqueles que anunciaram o Evangelho no Espírito Santo» (1 Pe 1,12). Indica com a palavra «Evangelho» o conteúdo e com a expressão «no Espírito Santo» o meio, ou o método, do anúncio.

Ninguém, porém, poderá jamais exprimir o íntimo vínculo que existe entre evangelização e Espírito Santo melhor do que o fez o próprio Jesus na noite de Páscoa. Aparecendo aos Apóstolos no cenáculo, disse: «Assim como o Pai me enviou, também Eu vos envio a vós». Dito isto, soprou sobre eles e disse: «Recebei o Espírito Santo» (Jo 20,21-22). Ao confiar aos Apóstolos o mandato de ir por todo o mundo, Jesus confiou-lhes também o meio para o poderem cumprir — o Espírito Santo — e fê-lo, significativamente, sob o sinal do sopro, do hálito.

## 2) O Espírito Santo age naquele que recebe o anúncio

O Espírito Santo é também aquele que «no íntimo das consciências faz acolher e compreender a Palavra» (Paulo VI, *Evangelii nuntiandi*). Age, portanto, simultaneamente sobre o destinatário do anúncio. Santo Agostinho pôs em evidência com força esta verdade: sem o Espírito que instrui interiormente com a sua unção, em vão se afadiga exteriormente o pregador. Diz: «O som das nossas palavras atinge os ouvidos, mas o verdadeiro Mestre está dentro... Nós podemos exortar com o ruído da voz, mas se dentro não há quem ensine, inútil se torna o nosso ruído. Quereis uma prova, meus irmãos? Todos vós ouvistes esta minha pregação. Quanto a mim, falei a todos, mas aqueles em cujo interior não fala aquela unção,

aqueles que o Espírito não instrui interiormente, vão-se embora sem terem aprendido nada» (Santo Agostinho, *Comentário à Primeira Carta de São João*).

Toda a palavra que vem de fora cai no vazio, se não encontra um coração capaz de a escutar e acolher. Acontece como quando se fala a um estrangeiro que não conhece a língua: as palavras chegam, de facto, aos ouvidos, mas não adquirem sentido, permanecem sons vazios e não levam à ação. Tocamos aqui naquele ponto onde acontece o encontro misterioso entre a graça e a liberdade. Algo é pedido, neste campo, a quem escuta a mensagem: que esteja disposto a submeter-se a Deus, a mudar a própria vida em conformidade com a Palavra anunciada. É isso que permite ao Espírito agir.

Resumamos nas palavras do metropolita Inácio de Latakia tudo aquilo que dissemos até agora sobre o Espírito «principal agente da evangelização»: «Sem o Espírito Santo: o Evangelho é letra morta, a Igreja uma simples organização, a missão uma propaganda... Mas, com o Espírito Santo: o Evangelho é força de vida, a Igreja sinal de comunhão trinitária, a missão um Pentecostes».

### 3) Como obter a unção do Espírito tendo em vista a evangelização

Que fazer, em concreto, para obter o Espírito Santo na nossa evangelização? Como fazer para sermos também nós revestidos da força do alto, como num «novo Pentecostes»? Vejamos alguns meios que são essenciais para este fim: estes não se aplicam apenas à evangelização, mas interpelam todos nós, também aqueles que não estão empenhados na pregação em sentido estrito.

A oração. É simples saber como se obtém o Espírito Santo tendo em vista a pregação. Basta ver como o obteve Jesus e como o obteve a própria Igreja no dia de Pentecostes. Lucas descreve assim o acontecimento do batismo de Jesus: «Quando todo o povo recebia o batismo, tendo Jesus também sido batizado, estava em oração; o céu abriu-se e desceu sobre Ele o Espírito Santo» (Lc 3,21-22). «Enquanto estava em oração»: dir-se-ia que, para São Lucas, foi a oração de Jesus que rasgou os céus e fez descer o Espírito Santo. Se de Jesus passarmos agora para a Igreja, notamos a



mesma coisa. O Espírito Santo, no Pentecostes, veio sobre os Apóstolos enquanto eles estavam «unânimes e perseverantes na oração» (At 1,14).

Quanto mais aumenta o volume da evangelização e da atividade, mais deve aumentar o volume da oração. Objeta-se: isto é absurdo, o tempo é o que é! De acordo, mas Aquele que multiplicou os pães não poderá também multiplicar o tempo?

De resto, é isso mesmo que Deus faz continuamente e de que temos todos os dias a experiência. Depois de rezarmos, fazemos as mesmas coisas em menos de metade do tempo. Diz-se ainda: «Mas como ficar tranquilamente a rezar, como não correr, quando a casa está a arder?». Também isso é verdade. Mas imaginemos o que aconteceria a uma equipa de bombeiros que corresse a apagar um incêndio e depois, no momento decisivo, se apercebesse de não ter consigo, nos reservatórios, uma única gota de água. Assim somos nós, quando corremos a pregar sem rezar. Não é que falem palavras; pelo contrário, quanto menos se reza, mais se fala, mas são palavras vazias, que não trespassam o coração de ninguém.

Há duas maneiras de preparar uma pregação. Posso primeiro sentar-me à secretária e escolher eu mesmo a Palavra a anunciar e o tema a desenvolver, baseando-me nos meus conhecimentos, nas minhas preferências, etc., e depois, uma vez preparado o discurso, pôr-me de joelhos para pedir a Deus que dê força às minhas palavras, que acrescente o seu Espírito à minha obra. Já é algo bom, mas não é o caminho profético. É preciso fazer o contrário. Primeiro pôr-se de joelhos e pedir a Deus qual é a Palavra que quer dizer; depois, sentar-se à secretária e colocar a própria cultura e os próprios meios ao serviço de Deus para dar corpo a essa Palavra.

Isto muda tudo: já não se trata de uma minha palavra, mas da Palavra de Deus; já não é Deus que tem de fazer sua a minha palavra, mas sou eu que faço minha a Palavra de Deus. Deus tem, de facto, em cada circunstância, uma Palavra sua que deseja fazer chegar ao seu povo. Depois, sentas-te à secretária, abres os teus livros, consultas os teus apontamentos, recolhes as tuas recordações, consultas os Padres da Igreja, os mestres... Mas já é tudo outra coisa. Não é já Palavra de Deus ao teu serviço, mas és tu ao serviço da Palavra de Deus. Então ela liberta toda a sua força.

A retidão de intenção. Depois da oração, um meio importantíssimo para permitir ao Espírito Santo agir através da nossa evangelização e, em geral, através de todo o todo o nosso ministério pastoral, é a retidão das intenções. O «porque» se prega é quase tão importante como o «o que» se prega. Sabemos bem que os construtores da torre de Babel se lançaram na empresa dizendo: «*Vinde, construamos uma cidade e uma torre, cujo cume toque o céu, e demos-lhe um nome*» (Gn 11,4), enquanto no Pentecostes os Apóstolos «*proclamavam as grandes obras de Deus*» (At 2,11). Não se proclamavam a si mesmos, mas a Deus. Eis por que razão os homens, à palavra de Pedro, se sentiram trespassados no coração. O Espírito Santo passava sem obstáculo através da sua palavra, porque a intenção era reta.

A evangelização, e toda a iniciativa e atividade pastoral, pode colocar-se do lado de Babel ou do lado de Pentecostes. Jesus dizia: «Eu não procuro a minha glória!» (Jo 8,50). É preciso fazer nossas estas palavras e repeti-las a nós mesmos.

*O amor.* Porque Deus enviou ao mundo o primeiro missionário, o seu Filho Jesus, por nenhuma outra razão senão por amor: «Deus amou tanto o mundo que lhe deu o seu Filho unigénito» (Jo 3,16). Porque é que Jesus anunciava o Reino? Unicamente por amor, por compaixão. «Tenho compaixão destas multidões — dizia — porque são como ovelhas sem pastor» (Cfr. Mt 9,36; 15,32). O Evangelho do amor só pode ser anunciado com amor. Se não amamos as pessoas que temos diante de nós, as palavras transformam-se facilmente, nas nossas mãos, em pedras que ferem. É preciso então converter-se, pedir a Jesus o seu amor juntamente com a sua Palavra. Nós assemelhamo-nos muitas vezes a Jonas. Jonas tinha ido pregar a Nínive, mas não amava os ninivitas. Jonas estava visivelmente mais contente quando podia gritar: «Ainda quarenta dias e Nínive será destruída!» (Gn 3,4), do que quando teve de anunciar o perdão de Deus e a salvação de Nínive. Amor, portanto, pelos homens. Mas também, e sobretudo, amor por Jesus. É o amor de Cristo que nos deve impelir. É preciso amar Jesus, porque só quem está apaixonado por Jesus O pode proclamar ao mundo com íntima convicção.

*A comunidade.* Um quarto meio importante é o contacto vivo com uma comunidade orante. Muitas vezes, a Palavra e a força do Espírito são

concedidas por Deus mais facilmente a uma comunidade em oração do que ao indivíduo. Deus, dir-se-ia, ama a colegialidade, porque ela preserva a humildade.

O Senhor concedeu-lhe, como *Comunidade Magnificat*, o carisma da evangelização; mas, antes disso, concedeu-nos o dom de sermos comunidade. E isto para aprendermos que o anúncio que somos chamados a dar é, antes de mais, um testemunho comunitário e que a sua eficácia vem do facto de ser um corpo que evangeliza.

Além disso, não devemos esquecer que é a comunidade em oração que permite ao anúncio cristão prosseguir vitoriosamente a sua caminhada.

Terminemos escutando, como dirigido a cada um de nós, este convite de Santo Ambrósio: *“Há um rio que desce sobre os seus santos como uma torrente... Quem quer que receba da plenitude deste rio eleva a própria voz. E, como os apóstolos, com voz vibrante, fizeram ressoar a pregação evangélica até aos confins da terra, assim também ele começa a difundir a alegre notícia do Senhor Jesus. Recebe, pois, de Cristo este rio, para que também o teu anúncio ressoe com força.* (Santo Ambrósio, *Cartas*).

### **Pistas de reflexão para a revisão de vida**

- Quantas vezes fui anunciar a Palavra sem anteriormente me ter posto de joelhos?
- Quantas vezes atirei pedras que ferem em vez de palavras que curam?
- Quantas vezes, ao anunciar a Palavra, procurei a minha glória em vez da glória de Deus?
- Quantas vezes pensei que evangelizar era tarefa dos outros e não minha?
- Intercedo pela evangelização da comunidade?
- Como participo na evangelização da comunidade?

### **Sugestões para atualizar estes ensinamentos**

- Comprometer-se a invocar o Espírito Santo sempre que nos aproximamos da Palavra na oração e na meditação pessoal.
- Identificar uma pessoa, um ambiente, uma situação... a quem anunciar a Palavra e, depois de invocar o Espírito Santo, fazê-lo.

---

“O excerto, por gentil concessão do Autor e da editora, é retirado de: *Os Mistérios de Cristo na vida da Igreja*, do Padre Raniero Cantalamessa, Editora Ancora, Milão, 1992, e foi utilizado, com algumas modificações, pelos Responsáveis Gerais para o percurso de 2001/2002 da Comunidade Magnificat.”